

DÍAZ, Onésimo

*Expansión: El desarrollo del Opus Dei entre los años 1940 y 1945*

Madrid: Rialp, 2020, 692 p. ISBN: 978-84-321-5295-5

MIGUEL DE SALIS AMARAL

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2022.11811>

Pontifícia Universidade da Santa Cruz, Itália

O Instituto Histórico São Josemaría Escrivá, com sede em Roma, tem estado a promover desde há alguns anos, estudos históricos sobre o Opus Dei e a edição crítica das obras do seu fundador. Um dos seus trabalhos de índole histórica é o que agora comentamos, da autoria de Onésimo Díaz, doutor em História Contemporânea pela Universidade do País Basco e em Teologia (com especialização em História da Igreja) pela Universidade Pontifícia da Santa Cruz, reconhecido perito deste período, tanto no âmbito civil como no eclesiástico.

Trata-se dum estudo histórico que dá seguimento a outros três, entretanto já publicados, que cobrem o período que vai da fundação do Opus Dei (1928) até 1940: *DYA: la academia y residencia en la historia del Opus Dei (1933-1939)*, Madrid: Rialp 2016; *Escondidos: el Opus Dei en la zona republicana durante la Guerra Civil (1936-1939)*, Madrid: Rialp, 2018, ambos da autoria de José Luís González Gullón, especialista da guerra civil espanhola; e *Posguerra: la primera expansión del Opus Dei durante los años 1939 y 1940*, Madrid: Rialp, 2018, que é do mesmo autor do livro que agora analisamos. Estas obras pertencem a uma coleção de monografias que tem vindo a apresentar a história desta instituição da Igreja Católica. Como o próprio nome indica, o período examinado compreende os últimos cinco anos da Segunda Guerra Mundial.

A estrutura do livro é bastante linear e prima pela clareza. Em cinco capítulos, um por cada ano letivo analisado, vão-se expondo os acontecimentos que marcam a expansão do Opus Dei na Espanha e, numa forma menos incisiva, em Portugal e na Itália. Dentro de cada capítulo a estrutura é bastante semelhante. Depois duma introdução panorâmica desse ano letivo, descreve-se a vida e atividade das pessoas do Opus Dei em Madrid (então a cidade mais representativa), em Valencia (a segunda cidade em que se iniciou um trabalho pastoral estável), em Barcelona, em Valladolid, em Saragoça e nas cidades do que hoje se chama País Basco (Bilbao e San Sebastián). Depois deste esquema comum, são abordados aspetos mais concretos ou relevantes para cada ano letivo, como por exemplo, a atividade pastoral com as mulheres, as viagens a outras cidades, as viagens a Portugal ou à Itália, os acampamentos de instrução militar para universitários realizados durante o verão, a questão da presença de membros do Opus Dei nas universidades espanholas (muito bem explicada) ou as perseguições vindas de membros da Ação Católica, de membros do partido da Falange, de alguns professores catedráticos e mesmo de alguns religiosos.

São relevantes as visões gerais de cada ano letivo, que aparecem no fim de cada capítulo, pois ajudam a ter uma visão de conjunto sobre a vida do Opus Dei naquelas circunstâncias. Entre outras coisas, é evidente a constante ligação do fundador do Opus Dei aos bispos diocesanos espanhóis e, num segundo momento deste período, ao Núncio. Da documentação apresentada é patente a ajuda destes prelados, e de outros eclesiásticos, na defesa do Opus Dei perante as acusações que foram sendo feitas em diversos ambientes; especialmente no

---

eclesiástico, mas também no político e, em menor medida, no universitário. Também me parece digno de atenção o talento pastoral do fundador do Opus Dei, que se manifesta na atenção às pessoas, no cuidado e interesse pela formação daqueles jovens membros da instituição, no criar um ambiente familiar e de grande amizade entre todos (são notórias o número de cartas que escreviam entre eles e o fundador), no respeito pela liberdade e no dar a cada pessoa um espaço onde pudesse desenvolver as suas capacidades.

O livro apresenta uma visão completa e documentada da expansão do Opus Dei pela Espanha de então e no seio da Igreja espanhola. Consegue mostrar o ritmo gradual de crescimento dos membros da Obra e da sua atividade, tanto como pessoas individuais, como associados numa mesma atividade de índole social. Esta diferença de atividades nota-se nas variadas iniciativas das pessoas da Obra no livre exercício da sua atuação, como por exemplo, o impulso da Universidade de verão de La Rabida, o atelier de arquitetos de Madrid, o consultório médico de Barcelona, e nas atividades em que o Opus Dei teve uma responsabilidade mais institucional de orientação cristã, como por exemplo a residência de estudantes universitários de Samaniego (Valencia), a residência de Moncloa (Madrid) ou a de Abando (Bilbao). Além destas iniciativas sociais, mostram-se também a colaboração dos universitários nas atividades de catequese e de visitas aos pobres e necessitados, promovidas pelo fundador e pelos membros do Opus Dei.

Toda esta atividade tão variada, é realizada dentro do espaço comum da vida da Igreja em Espanha, em zonas de periferia, se o termo for entendido como fronteira da fé cristã e não tanto num sentido social. De facto, o âmbito de atividade preferencial – embora não exclusivo – do fundador do Opus Dei nestes cinco anos é o mundo dos jovens universitários, mais aberto a novidades e mais disponível para se poder dedicar à expansão da Obra (em Espanha e no estrangeiro).

Através da análise histórica pode constatar-se que esse crescimento é feito dentro da Igreja e, muitas vezes, com a ajuda de religiosos, membros da Ação Católica e de outros grupos cristãos que são amigos do fundador do Opus Dei ou de alguns membros da instituição, além de padres e religiosos que ajudam São Josemaria na atenção pastoral dos leigos. São eles que apresentam ao fundador da Obra pessoas conhecidas que podem entender bem o carisma, ou a quem ele pede ajuda para poder difundir em diferentes quadrantes este fenómeno pastoral. A fluidez destes anos também mostra que algumas pessoas que são acompanhadas espiritualmente pelo fundador da Obra acabam depois por se encaminhar para a vida consagrada ou para outros caminhos. Portanto, de acordo com as fontes consultadas neste trabalho, tudo leva a crer que algumas incompreensões para com o Opus Dei surgidas no interior da Igreja, vêm de um certo espírito de rivalidade mal-entendida, que também existia noutras realidades, ou do facto de não se perceber que fosse possível ser santo no meio da vida habitual dum cristão corrente (coisa que só será mais aceiteada com o decorrer do tempo e com os textos magisteriais do Vaticano II).

O livro explica bem a distinção entre as calúnias e perseguições promovidas pelo partido político da Falange, das que foram espalhadas no âmbito da Ação Católica, sem esquecer as que foram promovidas por alguns religiosos e as que eram divulgadas nos meios universitários. Todas elas surgiram neste período e aqui vêm descritas e esclarecidas com pormenor, apresentando as respetivas referências aos arquivos e documentação consultada. Considero

que esta é uma das suas mais-valias e que, a partir de agora, não será possível fazer um estudo histórico sério sobre os “preconceitos” ligados ao Opus Dei (ainda hoje) sem ter em conta este texto. Ao mesmo tempo, com toda a honestidade histórica, o autor indica que teve à sua disposição as fontes do Opus Dei e dos arquivos do Estado Espanhol, mas não consultou as fontes das congregações e ordens religiosas interessadas. Quando se faça esse estudo, será possível completar este aspeto da vida da Igreja.

Ainda quanto ao conteúdo, o livro dedica pouco espaço a Portugal e à Itália, embora dê atenção à conjuntura italiana da Segunda Guerra Mundial e à da Curia Romana. No que respeita ao nosso país, teve à disposição um estudo sobre a correspondência trocada entre Marcello Caetano e Laureano López-Rodó, de publicação recente, da autoria de Paulo Miguel Martins, que evidentemente contribuiu a um enriquecimento da pesquisa. Além da relação entre estes dois homens que acabamos de referir, há um breve relato da viagem de José Luís Muzquiz a Portugal, realizada em março de 1941 (no primeiro capítulo do livro, p. 125-129) e das três viagens de São Josemaría ao nosso país em 1945 (no último capítulo do livro, p. 586-590). Na minha opinião trata-se de dois eventos significativos, no conjunto dos cinco anos, mas pouco trabalhados pelo autor. De vez em quando, noutros capítulos do livro, aparecem mais referências, como a entrada do primeiro português para o Opus Dei no ano letivo de 1942-43, Armando Serrano (p. 283-284, entre outras alusões), as viagens de outros membros da Obra a Portugal, onde se verifica que o início do trabalho pastoral do Opus Dei em Portugal era visto como algo possível a breve prazo. Assim, das várias referências a Portugal que aparecem nas fontes principais consultadas, poderia ter sido útil descrever um pouco melhor qual era a situação do país (e da Igreja portuguesa) e quais as principais diferenças com a Espanha dessa altura. Por exemplo, é notória a diferença de preparação religiosa e o grau de secularização da juventude universitária portuguesa, quando comparada com a espanhola; é distinta a relação da Igreja portuguesa com o regime salazarista e a ligação da Igreja espanhola com o regime franquista; não é comparável a situação social e económica de Portugal em 1940-41 e nos anos seguintes com a Espanha que acabava de sair de uma guerra civil, e por fim, a política portuguesa durante a Segunda Guerra Mundial era diferente da espanhola (e da italiana). Isto teria contribuído para uma maior profundidade analítica das referências ao nosso país que aparecem em vários lugares e que se nota que foram positivas, como no caso das relações entre López-Rodó e Marcello Caetano.

Num determinado momento, afirma-se que a Irmã Lúcia «religiosa doroteia que vivia num convento da diocese de Tuy, pediu e insistiu junto do fundador para que fosse urgentemente a Portugal para dar a conhecer o Opus Dei aos bispos» (p. 587, tradução nossa). A data do primeiro encontro do fundador do Opus Dei com a Irmã Lúcia foi nos primeiros dias de fevereiro de 1945, mas surpreendeu-me a acentuação tão exclusiva no papel da Irmã Lúcia. Não se percebe se esta interpretação do encontro foi recolhida das cartas que São Josemaría escreveu desde Portugal, ou do livro de Hugo de Azevedo (*Uma luz no mundo*. Lisboa: Prumo-Rei dos Livros, 1988, p. 190-191), citados na nota dessa página. Há outra fonte, o testemunho de Mons. José López Ortiz, bispo de Tuy, que foi a pessoa que provocou o primeiro encontro do fundador com a Irmã Lúcia, onde afirma ter sido ele e o seu secretário os responsáveis pela primeira viagem de São Josemaría Escrivá a Portugal. Esta fonte, no entanto, não deixa claro se foi ele quem pediu à Irmã Lúcia para que a Obra iniciasse o seu trabalho em Portugal (cfr.

---

Testimonio de Mons. José López Ortiz. In *Beato Josemaría Escrivá de Balaguer: un hombre de Dios. Testimonios sobre el fundador del Opus Dei*. Madrid: Palabra, 1994, p. 236-237). A favor da interpretação do autor está o facto de que a Irmã Lúcia, poucos anos mais tarde, insistiu junto da colombiana Eugenia Ángel de Vélez para que o Opus Dei iniciasse o seu trabalho pastoral nesse país da América Latina (cfr. PAREJA-O. BENÍTEZ, M. – *Por tierras y mares: comienzos del Opus Dei en Colombia*. Madrid: Rialp, 2020, Capítulo I).

Pelas fontes consultadas pelo autor para este livro, sabemos que na mente do fundador do Opus Dei a ideia de iniciar o trabalho pastoral em Portugal não era recente e já a tinha partilhado com outras pessoas. Este estudo mostra numa forma clara que se tratava de algo sabido, e também mostra que a viagem do fundador da Obra a Tuy, no início de fevereiro de 1945, não tinha como objetivo passar a fronteira para Valença e fazer uma visita a vários bispos portugueses. Ele não levava passaporte. Um historiador pode dar mais credibilidade a uma fonte do que a outra, mas tendo comprovado que a ideia de iniciar o trabalho da Obra em Portugal era já presente desde há uns anos antes, é fácil pressupor que o fundador do Opus Dei já a tivesse manifestado ao seu amigo Mons. José López Ortiz com anterioridade. O que sabemos com certeza é que foi ele a ter a iniciativa de apresentar a Irmã Lúcia a São Josemaría Escrivá, que houve um bom entendimento entre os dois desde essa primeira conversa e que a Irmã Lúcia ajudou a conseguir um salvo-conduto para que o fundador do Opus Dei e os que o acompanhavam entrassem em Portugal no dia seguinte. Portanto, parece mais de acordo com as fontes deste livro pensar que a causa de que o Opus Dei tenha iniciado a sua atividade em Portugal tão cedo e tão depressa esteja na conjunção de vários fatores, um dos quais foi a boa impressão e entendimento entre a Irmã Lúcia e São Josemaría depois deste primeiro encontro, uma relação de amizade que durou até à morte do fundador da Obra. Para conhecer em pormenor todos os encontros de São Josemaría Escrivá com a Irmã Lúcia no Carmelo de Coimbra, pode consultar-se AZEVEDO, Hugo de – *O fundador do Opus Dei em Portugal*. Lisboa: Lucerna, 2021.

Uma nota final sobre as fontes consultadas. O livro baseia-se fundamentalmente nos diários escritos pelas pessoas da Obra daqueles anos, e em menor medida, nas cartas entre eles ou entre eles e o fundador. Para além disso, o autor também teve à sua disposição apontamentos escritos nas viagens, ou resumos das conversas de certa relevância que alguns membros da Obra tiveram com personalidades do momento. Estes materiais possuem, portanto, os limites e as vantagens de uma fonte deste género, genuína e contemporânea aos factos narrados, sendo o autor consciente disso, pelo que o usa com mestria. Às vezes, como é normal quando um tema abrange vários lugares ou pessoas, há repetições, inevitáveis num trabalho deste estilo. Porém, se o leitor olhar para este livro como uma apresentação ordenada das fontes e não como um relato histórico em que se dá prioridade à narrativa, penso que terá acertado com a intenção do autor. O trabalho realizado é verdadeiramente vasto e globalizante, pelo que o leitor tem na mão um texto onde as fontes foram ordenadas com critério e de forma cronológica, manifestando-se como elemento válido para conhecer melhor a história do Opus Dei daquela época.